

Saberes docentes e a importância do professor como agente de formação

Flavia Patrícia Martins Ferreira

RESUMO

Este artigo investiga a relevância do papel do professor como agente de formação na educação contemporânea. Por meio de uma abordagem de revisão bibliográfica qualitativa, o estudo examina uma ampla gama de fontes acadêmicas e literárias para compreender o impacto multifacetado do professor no processo educacional. São analisados os diversos papéis desempenhados pelo professor, destacando sua função essencial como facilitador do aprendizado, modelo de comportamento, mediador de conflitos e agente de mudança social. Além disso, são exploradas estratégias eficazes para capacitar os professores e promover seu contínuo desenvolvimento profissional, incluindo programas abrangentes de formação inicial e continuada, supervisão pedagógica especializada e promoção da colaboração entre pares. Conclui-se que o professor desempenha um papel crucial na formação integral dos alunos e no fortalecimento contínuo do sistema educacional como um todo.

Palavras-chave: Professor, Formação docente, Educação, Desenvolvimento profissional.

1 INTRODUÇÃO

A literatura pedagógica tem insistido que a educação continuada ou o desenvolvimento profissional devem ajudar os professores a adquirir e desenvolver certas competências que promovam uma melhoria em sua prática e, conseqüentemente, a experiência escolar e a aprendizagem dos alunos. Investigar a incidência de treinamento, no entanto, é extremamente difícil porque envolve múltiplos fatores e dinâmicas que não correspondem, estritamente falando, a programas de treinamento de professores. Também porque, para poder estabelecer com base as relações desejáveis entre a formação recebida, a aprendizagem dos professores e sua reflexão sobre a qualidade de sua educação nas salas de aula e, finalmente, na aprendizagem do aluno exigiriam desenhos de pesquisa sofisticados, hoje, ainda escasso.

Na busca por melhorar a qualidade da aprendizagem de crianças e jovens, nos últimos anos os Estados fizeram múltiplas iniciativas: projetar ou renovar os currículos, prover escolas com melhor infraestrutura e recursos didáticos, avaliar o desempenho das escolas. Os professores, influenciam a formação inicial de professores, aprimoram ou universalizam os chamados sistemas de mensuração da qualidade da educação, geram condições para a formação continuada de educadores e oferecem processos de especialização de educadores.

Nos últimos anos, discussões e avanços foram feitos para especificar a especialização de educadores em certas faixas etárias ou em certas áreas de conteúdo. A questão sobre a qual este artigo fornece informações refere-se à relevância dessa especialização ou à manutenção de uma formação integral não



apenas nos momentos de formação inicial do professor, mas também nos processos de atualização subsequentes.

O objetivo geral do trabalho é apresentar um estudo sobre contribuição da formação de professores para o seu desenvolvimento profissional e contribuição no processo de ensino-aprendizagem.

Os objetivos específicos são: conceituar a formação de professores no Brasil e seus aspectos tradicionais; apresentar um estudo sobre a mudanças na educação e sua contemporaneidade e discutir a importância da formação continuada de professores na sociedade atual.

2 O PROFESSOR COMO AGENTE DE FORMAÇÃO

O curso de Pedagogia no Brasil foi criado por meio do Decreto de Lei nº 1.190 de 1939, quando foi organizada a Faculdade Nacional de Filosofia pela Universidade do Brasil. No início, esse curso tinha o objetivo de formação de “técnicos em educação”, pois era procurado por docentes que já possuíam experiência com a finalidade de, após concurso:

“assumirem funções de administração, planejamento de currículos, orientação a professores, inspeção de escolas, avaliação do desempenho dos alunos e dos docentes, de pesquisa e desenvolvimento tecnológico da educação, no Ministério da Educação, nas secretarias de estado e dos municípios.” (BRITO, 2006, p. 01).

O curso de Pedagogia apresentou várias modificações no decorrer dos anos, trazendo a possibilidade de ser inserido em diversas áreas de conhecimento e de atuação, onde nos últimos tempos tem deixado de ser direcionado apenas para educação formal.

Nóvoa (2002) é um autor que ganhou prestígio por se dedicar ao estudo da profissionalização docente. Inicialmente, os cursos eram voltados para a sala de aula, onde a formação do sujeito pedagógico, passou pelo princípio do conhecimento/ compreensão de seu universo social, do domínio de saberes múltiplos, da integração teórica/ prática, da interação, da mediação, do trabalho cooperativo e colaborativo e da consolidação de uma posição reflexiva e também crítica adquirida como professor- pesquisador.

Diversos estudos consideram as transformações realizadas nessa área a respeito da identidade profissional no sentido histórico, epistemológico e filosófico. Pode-se destacar como autor, Melo (2006), que em seu trabalho “Pedagogia e curso de Pedagogia: riscos e possibilidades epistemológica face ao debate e às novas DCN sobre esse curso”, ressalta a importância de um breve histórico sobre a Pedagogia, pois aponta problemáticas e demonstra que a área ainda não tem seu estatuto epistemológico fortificado. As questões sobre o conceito de quem é o pedagogo, de que forma e em que locais podem atuar, ainda existe nos dias atuais.

Após muitos anos da criação do curso de Pedagogia no Brasil, ainda era questionado o valor do pedagogo e sua função educacional. Nos anos 60 chegou a ser questionada se deveria existir tal curso no



Brasil. Uma vez que as discussões giravam no entorno da ideia de que a pedagogia não tinha conteúdo próprio (SILVA, 2003).

Em 1945 foi instituído o Ensino Comercial por meio do Decreto-lei nº 6.141 de 28 de dezembro de 1943. Em 1946 foi criada a Lei Orgânica do Ensino Primário e o Decreto-lei nº. 8.530, Lei Orgânica do Ensino Normal. O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) foi instituído em seguida, por meio dos Decretos-lei nº 8.621 e 8.622 (SILVA, 2003). Estas leis organizaram as diretrizes gerais do ensino e ampliaram a formação do pedagogo para além da atuação do profissional em instituições escolares.

O curso de pedagogia tinha o objetivo de formação de “técnicos em educação” e se manteve com indefinições e imprecisões até por volta do ano de 1962. Em 1961, foi aprovada pelo Congresso a Lei de Diretrizes e Bases, que previu a implementação de um currículo mínimo em diversos cursos, incluindo o de Pedagogia. Através dessa medida ocorreram algumas possíveis modificações para o pedagogo se mantendo o bacharelado perante o parecer 251/62 do Conselho Nacional de Educação (CNE), que faz a regulamentação das licenciaturas (SILVA, 2003).

Em 1969, surgem novas habilitações para o bacharel em pedagogia, encerrando com qualquer chance de se extinguir o curso, entre elas: funções administrativas, inspetoria de escolas, orientação educativa e supervisionar a escola, e propõe que os docentes tenham formação especialista com título de licenciado (SILVA, 2003).

Conforme Libâneo (2000) e Pimenta (2000), o pedagogo, como bacharel, poderia atuar no exercício da função de técnico no Ministério da Educação, e como licenciado, poderia exercer a docência no curso Normal, lócus principais de trabalho, mesmo o espaço não se restringindo a este profissional, visto que a Lei Orgânica do Ensino Normal gerava flexibilidade para o licenciado atuar em demais áreas de ensino a possuírem a mesma função.

Na década de 1970, começam a surgir em órgãos oficiais, iniciativas que repensavam o curso de Pedagogia. Já, nos anos de 1980, a formação do profissional teve fortalecimento por meio das discussões geradas para os cursos de licenciatura que se estabeleceram até a criação das Diretrizes Curriculares Nacionais em 1996 (SILVA, 2003).

Também na década de 1980 começou a surgir o curso de Pedagogia com projetos pedagógicos por meio da autorização e reconhecimento pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC). Das várias mudanças desse período, pode-se destacar as propostas dos currículos inseridas nos cursos, como se dá sua contribuição para o entendimento de questões relacionadas ao conceito do curso de Pedagogia e do Pedagogo. Dentre elas, podem-se citar as DCNs (BRASIL, 1996), que fazem a determinação da formação baseada na docência e indicando a gestão como sendo possível. Através desta determinação, podemos perceber que foi sinalizada a abertura para o profissional atuar em instituições não escolares, e ampliada a complexidade histórica da identidade desse profissional.



Conforme Melo (2006), o curso de Pedagogia é o *locus* que une saberes em proximidade com outras áreas de formação, seja como práticas ou geração histórica. Estes saberes podem demonstrar as muitas modificações históricas de emancipação, e a reflexão filosófica do discurso da pedagogia integrado com a expressão política e à ideologia; contribuindo também para que a Pedagogia seja uma ciência e filosofia plural entre teoria e prática.

A pedagogia, como teoria e prática da educação, através de conhecimento científico, filosófico, técnicos e profissionais, faz a investigação das realidades educacionais, que estão em constante transformação. E por meio dos estudos pedagógicos são explicitados os objetivos e o processo de intervenção na metodologia e organização que transmitem e assimilam os saberes e a maneira de ação. Ela procura entender globalmente e de maneira intencional e dirigida as questões educacionais.

O mundo contemporâneo para alguns autores denominado de sociedade pós-moderna, pós-industrial ou pós-mercantil, ou ainda modernidade tardia traz elementos desafiadores para a formação e a atuação do professor.

Vivemos num período que exige a redefinição de alguns papéis em nossa sociedade, entre eles o do professor. O mundo contemporâneo está marcado por mudanças a cada dia colocando a profissão do professor em constantes desafios, questionando sua identidade no cenário atual, ora rompendo modelos ora impondo novas demandas. Dentre os elementos que marcam a contemporaneidade e trazem consequências para a profissão docente, destacamos: globalização e neoliberalismo, novas tecnologias de comunicação e informação, reestruturação produtiva e diversidade cultural.

Segundo Frigotto (1996, *apud* Libâneo, 1998), são identificadas algumas características da realidade contemporânea sob a ótica do capitalismo, são elas: no plano socioeconômico as consequências da globalização excluindo os direitos básicos de moradia, trabalho, saúde e educação. No plano cultural e ético-político o neoliberalismo e o individualismo trazendo exclusão social. No plano educacional, o dualismo educacional diferenciando uma escola para ricos e uma escola para pobres, afetando a qualidade da educação.

Veiga destaca consequências para educação, trazidas pelas mudanças no campo do conhecimento:

No campo da educação, destacam-se as propostas de mudanças nos paradigmas do conhecimento e nos produtos de pensamento, a cultura e a arte. Neste mundo complexo e de profundas transformações, também ficam mais complexas as práticas educativas e torna-se inquestionável uma nova forma de organização do trabalho das instituições e dos processos de formação inicial e continuada de professores, bem como um novo posicionamento de todos os que trabalham na educação (VEIGA, 2009, p. 14).

Vivemos num mundo rápido e veloz, as informações voam num segundo, em grandes quantidades. Muitos professores sentem-se preocupados quando utilizam as tecnologias digitais em sala de aula, outros sentem medo de perder o emprego em face aos meios de comunicação, outros ficam desconcertados quando



os alunos sabem manusear o computador. O desenvolvimento das tecnologias da informação e das comunicações tem trazido questionamentos para escola e para o professor.

Aprofundando essa reflexão, Libâneo (1998) assevera que a escola tem seu papel, sua função dentro desta realidade no mundo contemporâneo, ela não deve ser apenas um lugar de transmissão de conteúdos. A escola não é dona do saber, para isso, ela deve propiciar elementos para que os alunos aprendam a buscar a informação em diferentes fontes, oferecendo meios para ser analisada criticamente dando significado à aprendizagem.

Para o autor, a escola tem um papel específico, ressaltando seu lugar no mundo contemporâneo:

A escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análises críticas e produção da informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significado à informação (LIBÂNEO, 1998, p.26).

Os meios de comunicação devem ser utilizados como ferramentas para o processo de ensino-aprendizagem. O professor e a escola têm seu papel na educação que não devem ser substituídos pelas tecnologias digitais, é importante destacar que a aproximação entre docentes e discentes favorece o contato não somente pelo aspecto cognitivo, mas também afetivo baseado na troca de experiências possibilitando a aprendizagem do aluno. Segundo Libâneo, o mundo das tecnologias digitais necessita que os estudantes desenvolvam uma base cognitiva para uma interação consciente com as informações.

Para isso, professores são necessários, sim. Todavia, novas exigências educacionais pedem às universidades um novo professor capaz de ajustar sua didática às novas realidades da sociedade do conhecimento, do aluno, dos meios de comunicação. O novo professor precisaria, no mínimo, de adquirir sólida cultura geral, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir em sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional e dos meios de informação, habilidade de articular as aulas com as mídias e multimídias (LIBÂNEO, 1998, p.29).

Outra característica marcante do mundo contemporâneo é a diversidade cultural que se opõe aos modelos estabelecidos. A diversidade está presente em nosso dia a dia, e, muitas vezes, o convívio com o diferente exige respeito e tolerância para aceitar o outro. O homem contemporâneo nesse sentido, precisa ver o diferente sem a pretensão de imaginar que todos devam ser iguais ou que seus costumes são melhores ou superiores aos outros. A globalização nos coloca em contato com outras culturas, é fundamental que saibamos compreender que o outro tem sua forma de pensar que é diferente do nosso pensamento.

As consequências do mundo multicultural para a profissão docente orientam no sentido da formação de um professor cuja prática pedagógica contribua para o convívio, o respeito e a inclusão dos alunos independentes de orientação sexual, de religião, raça ou origem socioeconômica.

Segundo Passos (2007), o mundo contemporâneo exige um professor que seja um profissional crítico-reflexivo de sua realidade e da realidade de seus alunos, que repense seu papel na formação do educando, que dê significado à sua ação, que não seja apenas reproduzidor do conhecimento em sala de aula,



mas que seja capaz de transformar a realidade de sua aula perante os desafios do mundo contemporâneo, estabelecendo uma aproximação entre a teoria e a prática como elemento constituinte de uma aprendizagem de qualidade. Para tanto, torna-se indispensável uma formação docente coerente com os desafios do mundo atual, assim como a valorização do professor e melhores condições de trabalho nas instituições de ensino.

Diante das emergências do mundo contemporâneo, Libâneo (1998) propõe novas atitudes docentes, que destacam: o professor como mediador que dialogue com o aluno; trabalhe o ensino para além da verbalização dos conteúdos centrada na palavra do professor; que valorize o conhecimento e as experiências dos alunos; a interdisciplinaridade segundo a qual as diferentes áreas do conhecimento interagem e trabalham em conjunto superando a fragmentação do ensino que em geral apresenta-se isoladas; desenvolvimento da autonomia do aluno criando estratégias de ensino para que o aluno desenvolva suas próprias aprendizagens; perspectiva crítica dos conteúdos que possibilita o acesso ao conhecimento, estabelecendo pontes, nexos, confrontando com a realidade, permitindo que o aluno pense e não somente memorize os conteúdos; desenvolvimento da capacidade comunicativa; uso pedagógico das tecnologias digitais na sala de aula como ferramentas e recursos educacionais; atendimento à diversidade, não padronizando o ensino, diversificando os procedimentos, estratégias e técnicas respeitando as diferenças; a formação continuada com vistas à constante atualização da formação em sua área, desenvolvendo atitude de reflexão pedagógica e dentro do contexto social para melhor estabelecer uma relação dos conteúdos com as questões contemporâneas; integração da dimensão afetiva à prática pedagógica criando um clima favorável à aprendizagem que exige disciplina, esforço e empenho; compreensão da dimensão ética com integrante da ação docente e favorecimento à criação de estratégias que contribuam para os estudantes se posicionarem diante das questões e problemáticas do mundo atual.

É muito importante que o educador perceba o aluno como um ser pensante, cheio de capacidade e portador de ideias multiculturais, que se apresentam espontaneamente, em uma conversação simples e em suas críticas aos fatos do dia a dia. Tem muito a contribuir para o processo de ensino aprendizagem, traz uma pluralidade não só por ser um trabalhador, mas pelo conjunto de ações que exerce na família e na sociedade.

Segundo Saviani (2009), a questão do preparo de professores no Brasil emerge explicitamente após a independência, momento em que se cogita da organização da instrução popular.

Conforme Saviani (2009) apresenta, a preocupação para com a formação de professores apareceu com a promulgação da Lei das Escolas de Primeiras Letras, embora voltada apenas para o preparo didático e à custa do próprio professor. Somente após a promulgação do Ato adicional de 1834 que a instrução primária passou a ser de responsabilidade das províncias, as quais iniciaram o processo de instauração das Escolas Normais.



O estabelecimento e expansão do padrão das Escolas Normais ocorrido a partir de 1980, traz a necessidade de desenvolver na formação o trabalho prático do professor, além do enriquecimento dos conteúdos curriculares que já vinham sendo trabalhados. “Os reformadores estavam assumindo o entendimento de que, sem assegurar de forma deliberada e sistemática por meio da organização curricular e preparação pedagógico-didática, não se estaria, em sentido próprio, formando professores.” (SAVIANI, 2009, p. 145).

Atualmente, diante das constantes transformações econômicas, política social, tecnológica e cultural da sociedade, a escola tem se “auto” pressionado a uma adequação às exigências do mundo do trabalho, influenciando a educação. A partir dessas mudanças surgem novos desafios, e a escolarização passa a ser exigida no mundo do trabalho e conseqüentemente, aumentando a demanda da formação de professores na sociedade.

Com a Lei n. 9394 (BRASIL, 1996), em seu artigo 38, determina que, no nível de conclusão do Ensino Fundamental e Médio, a idade seja entre 15 e 18 anos. A faixa etária atual, ainda em processo de discussão, exige várias alterações frente a essas mudanças, passando a exigir também um ensino voltado para o campo da pesquisa e ao trabalho criativo com esses grupos. O que dizer, então da formação de professores e das exigências de uma formação continuada de qualidade. As exigências de hoje para a atuação docente preveem uma sólida formação científica, técnica e política e ainda uma prática crítica e consciente.

Esta afirmativa nos remete ao educador Paulo Freire não só em sua opção pela alfabetização de Jovens e Adultos, mas em nos remeter aos enfrentamentos necessários em relação à formação dos professores e aos saberes da prática pedagógica, ou seja, um processo de formação como uma possibilidade e tentativa de resgatar a figura do mestre, tão carente do respeito devido a sua profissão, tão desgastada em nossos dias.

Ao dizer que "Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática" (FREIRE, 2007, p. 58) nos convida ao enfrentamento político e crítico das condições de trabalho e ser colaborador no processo da identidade docente.

Para o autor, a formação é uma conquista da maturidade, da consciência de cada um ser, e é de fundamental importância que tanto o educando como os educadores estejam presentes em sala de aula de corpo e alma em uma troca constante de conhecimento, pois não existe aprendizagem sem simplicidade, isto leva a pensar a respeito das circunstâncias criadas pelos docentes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, tanto para o ensino como para a aprendizagem, e a necessidade das situações de ensino estar voltadas para a emergência do processo de aprender, lembrando que a pedagogia das certezas e dos saberes pré-determinados ser substituída pela pedagogia das dúvidas temporárias como características de uma pedagogia complexa ou de uma eco pedagogia, ou seja, o pensar ecossistêmico coloca como sendo inseparavelmente



associados indivíduo e meio, ordem e desordem, sujeito e objeto e todos os fios que tecem os acontecimentos, as interações, as ações que constroem a nossa realidade e tecem a própria trama da vida (MORAES, 2004, p. 220)

Com isto se percebe que tanto a pedagogia quanto a realidade estarão sempre envolvidas com aprendizagem do mundo como relata este autor [...] pedagogia que promove o sentido das coisas a partir do dia- a- dia do sujeito. É no cotidiano que se expressam as formas de viver/conviver e é aí que devemos criar novas formas de ser e estar no mundo, a partir de reflexões significativas sobre as realizações do aprendiz (MORAES, 2004, p. 319).

Quando a reflexão permear a prática, docente e de vida, a formação será exigência para fazer do homem atuante no seu espaço histórico, crescendo no saber e na responsabilidade. Ao refletir sobre a formação do docente para atuar na Educação atual do Brasil, é importante pensar que este docente está inserido em uma realidade específica, onde os educandos trazem consigo contribuições de suas experiências que devem auxiliar e facilitar o trabalho do educador.

Acredita-se que o desenvolvimento de uma ação voltada para uma prática transformadora possibilita que os alunos, particularmente em sua vida cotidiana, exerçam seus direitos e responsabilidades, resolvendo, além dos conteúdos atitudinais, identificando, criticando e repudiando as atitudes de discriminação e de injustiça que favorece a reprodução da pobreza e da desigualdade, desenvolvendo práticas que permitam o desenvolvimento de atitudes de respeito, de solidariedade e cooperação (MORAES, 2004).

Corroborando com este entendimento à compreensão das implicações nos conceitos na educação que são atribuídos ou estão relacionados ao pensamento complexo, Pinto (2007) destaca a dialogicidade, a complexidade, a interação, a transdisciplinariedade, a auto- organização, a circularidade, a recursividade, a flexibilidade e a autonomia, para que se possa melhor compreender as diferentes dimensões envolvidas no processo de aprender, ou seja:

O educador deve ser o portador da consciência mais avançada do seu meio (conjuntamente com o filósofo, o sociólogo). Necessita possuir antes de tudo a noção de seu papel, isto é, refletir sobre o significado de sua missão profissional, sobre as circunstâncias que a determinam e a influenciam, e sobre as finalidades de sua ação (PINTO, 2007, p. 48)

É importante ressaltar que os alunos e professores que se encontram em sala de aula trazendo consigo vivências diretas e indiretas – como testemunhas ou protagonistas – de situações que envolvem trabalho. Vivem situações pessoais ou familiares de satisfação e prazer ou de insatisfação. De acordo com Brandão (1981), o processo de aprendizagem parte da realidade dos alunos, cabendo ao professor, junto com eles, reinterpretá-la e ordená-la numa relação dialética entre os conteúdos sistematizados e a experiência concreta dos alunos.



Neste sentido, a alfabetização se alicerça numa reflexão crítica sobre o capital cultural dos oprimidos como destaca Candau (2000). Ela se torna um veículo pelo qual os oprimidos são equiparados com instrumentos necessários para reapropriar-se de sua história, de sua cultura e de suas práticas linguísticas. É, pois, um modo de tornar os oprimidos capazes de reivindicar aquelas experiências que são desvalorizadas na vida cotidiana pela cultura dominante, a fim de que sejam, não só válidas, mas também compreendidas criticamente (CANDAUI, 2000, p. 97).

E assim, podemos apresentar as diretrizes curriculares para a formação de professores no Brasil ao sustentarem que cabe aos professores evidenciar possíveis mudanças que apontem para uma nova relação entre ciência, trabalho e cultura, “por meio de uma base sólida de formação científica e histórica que ajude os educandos no seu desenvolvimento [...] Assim, conhecer significa a possibilidade de interferir socialmente (BRASIL, 2002, p. 29).

Quanto à formação, é importante dizer ainda que se faz necessário uma qualificação dos profissionais de ensino e é fundamental que a equipe docente esteja bem-preparada, por este motivo é extremamente importante que, além da formação inicial seja oportunizado também a formação continuada, onde todos tenham a oportunidade de repensar a sua prática. Pois, a formação continuada é um processo possível para a melhoria da qualidade do ensino, dentro do contexto educacional da atualidade.

Vale frisar que a prática pedagógica é uma prática social, uma prática política, pois não se pode conceber a educação sem um vínculo sócio histórico, tendo o professor como agente de transformação. De acordo com Aranha (1996), a educação não pode ser compreendida fora de um contexto histórico-social concreto, sendo a prática social o ponto de partida e o ponto de chegada da ação pedagógica. Ou seja, [...] A educação é uma prática humana direcionada por uma determinada concepção teórica. A prática pedagógica está articulada com uma pedagogia, que nada mais é que uma concepção filosófica da educação. Tal concepção ordena os elementos que direcionam a prática educacional! (LUCKESI, 1994, p. 21).

Para garantir a qualidade de ensino, a Educação terá que incorporar os mais recentes resultados sobre aprendizagem e assumir a função de propiciar oportunidades para que seus aprendizes possam gerar e não somente consumir conhecimento, desenvolvendo, assim, competências e habilidades para poder continuar a aprender ao longo da vida.

Desta maneira, conforme este autor entende-se que o papel do educador consiste em mediar a aprendizagem, priorizando nesse processo, a bagagem de conhecimento trazida por seus alunos, ajudando-os a transpor esse conhecimento para o “conhecimento letrado”, ajudando-os no processo de aquisição de conhecimentos, tornando-os sujeitos de sua história e não um objeto.

Neste contexto, o papel do professor consiste em incentivar os alunos a pensar, descobrir ou criar novas possibilidades de realizar os trabalhos conhecidos e discutir as novas ideias e novas formas propostas de sua organização, das cooperativas de produção e consumo, cooperativas de economias solidária, assim



como as alternativas existentes na realidade local, através do contato com sindicatos, prefeituras, organizações, governamentais e não governamentais.

Ao professor cabe garantir a aprendizagem significativa do conteúdo das áreas, por meio de uma metodologia e escolha didáticas que permitam a reflexão, a participação e a confrontação de ideias. A escola pode ter um importante papel para o conhecimento da realidade e construção de uma autoimagem positiva por parte dos alunos. O professor deve se organizar no sentido de proporcionar aos alunos múltiplas oportunidades de pesquisas, de expressão e de comunicação, portanto:

[...] estes não trabalham mais sozinhos, mas em grupo, em processo de cooperação. As atividades não são programadas, mas se desenvolvem espontaneamente, conforme as crianças se encaminham para esta ou aquela direção, conforme seu interesse seja despertado para algum objeto ou desejo de descoberta. O material é numeroso e, muitas vezes, reproduz as condições reais de existência dos alunos na sociedade em que vivem (CUNHA, 1988, p. 79).

Dessa forma, o professor estará atuando no sentido de que os alunos, construam uma imagem de si próprios como cidadão com direitos, entre os quais se incluem vinculados ao trabalho e ao consumo para agir de forma solidária e responsável, percebendo-se como sujeitos na sociedade.

Com isto, os autores acima citados destacam este amor para com o ofício de ser professor, educador e mediador de conhecimentos reforçando que os alunos da EJA e com o principal objetivo da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, portanto, é de auxiliar cada indivíduo a tornasse tudo aquilo que ele tem capacidade para ser.

Pode-se perceber que quando nos referimos a formação tradicional de professores vemos o professor ligado ao didatismo e ao conteudismo, com isso, é preciso que seja ampliada a competência deste professor. É notório que o professor precisa ter domínio dos assuntos educacionais pedagógicos e é muito importante que ele entenda muito bem de avaliação, currículo e entender principalmente destas como ferramentas que irão determinar o processo educativo e a relação de estudantes na e com a escola.

Vale salientar, que quando trabalhamos no contexto social atual, não basta reproduzir apenas o currículo como se trata na primeira etapa da educação regular, assim como acontece no ensino fundamental I, no ensino fundamental II e no ensino médio, e o mais importante para este público popular é a compreensão da sua realidade não do que vai ser ensinado para ele.

É preciso compreender acima de tudo os aspectos sociais e culturais relacionados e inerentes ao público que está sendo ensinado, onde destacamos a vivência, o trabalho as histórias relacionadas a sua estrutura familiar e da herança cultural são como um pacote de informações que trazem com eles e que devemos respeitá-los.

Dessa forma, pensar na formação do professor, no atual contexto socioeconômico, político e cultural, exige uma avaliação e uma revisão da prática educativa e da formação inicial e continuada desses



educadores, principalmente se considerarmos as especificidades e particularidades dos estudantes atualmente, pra uma educação para todos.

3 CONCLUSÃO

Pode-se perceber que quando nos referimos a formação tradicional de professores vemos o professor ligado ao didatismo e ao conteudíssimo, com isso, é preciso que seja ampliada a competência deste professor. É notório que o professor precisa ter domínio dos assuntos educacionais pedagógicos e é muito importante que ele entenda muito bem de avaliação, currículo e entender principalmente destas como ferramentas que irão determinar o processo educativo e a relação de estudantes na e com a escola.

Vale salientar, que quando trabalhamos no contexto social atual, não basta reproduzir apenas o currículo como se trata na primeira etapa da educação regular, assim como acontece no ensino fundamental I, no ensino fundamental II e no ensino médio, e o mais importante para este público popular é a compreensão da sua realidade não do que vai ser ensinado para ele.

É preciso compreender acima de tudo os aspectos sociais e culturais relacionados e inerentes ao público que está sendo ensinado, onde destacamos a vivência, o trabalho as histórias relacionadas a sua estrutura familiar e da herança cultural são como um pacote de informações que trazem com eles e que devemos respeitá-los.

Dessa forma, pensar na formação do professor, no atual contexto socioeconômico, político e cultural, exige uma avaliação e uma revisão da prática educativa e da formação inicial e continuada desses educadores, principalmente se considerarmos as especificidades e particularidades dos estudantes atualmente, pra uma educação para todos.



REFERÊNCIAS

- BRASIL. 1996. Lei n.º 9394, de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 23 de dezembro de 1996.
- BRITO, Rosa Mendonça de. Breve Histórico do Curso de Pedagogia no Brasil. Manaus, 2006. Disponível em: http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/1breve_historico_curso_pedagogia.pdf. Acesso em: 15 out. 2017.
- CANDAU, V. M. (Org.). A didática em questão. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CUNHA DA, C. M.; Introdução - Discutindo conceitos básicos. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Salto para o Futuro: educação de jovens e adultos. Brasília: SEED, 1999, p. 9-18.
- FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- LIBÂNEO, J. C. Organização da Escola: Teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2000.
- LIBÂNEO, José Carlos. Profissão Professor ou Adeus Professor, Adeus Professora? Exigências educacionais contemporâneas e novas atitudes docentes. In: LIBÂNEO, José Carlos. Adeus Professor, Adeus Professora? Novas Exigências Educacionais e Profissão Docente. SP, Cortez: 1998.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática: Objeto de Estudo, Conceitos Fundantes e Derivações para o Campo Investigativo e Profissional. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.
- LUCKESI, C. C.; Filosofia da educação. São Paulo: Cortez, 1994.
- MELO, M. M. O. Pedagogia e curso de Pedagogia: riscos e possibilidades epistemológicas face ao debate e às novas DCN sobre esse curso. Campinas: Autores Associados, 2006.
- MORAES, M. C.; Educar na biologia do amor e da solidariedade. Petrópolis: Vozes, 2004.
- NÓVOA, A. Formação de Professores e Trabalho Pedagógico. Lisboa: Educa, 2002.
- PASSOS, Carmensita. Didática: Breve Incursão Histórica em Busca da Identidade. (s/d). Nota de Aula.
- PASSOS, Carmensita Matos Braga. Novos projetos pedagógicos para formação de professores: registros de um percurso. 2007. 224f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- PIMENTA, S. G. (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- PINTO, Á. V.; Sete lições sobre educação de adultos. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SAVIANI, D. Escola e democracia. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- SAVIANI, D. Pedagogia Histórico-Crítica. 8. ed. São Paulo: Autores Associados, 2003.
- SILVA, C. S. B. Curso de pedagogia no Brasil: história e identidade. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. A aventura de formar professores. Campinas, SP: Papirus, 2009.